



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA – 2022

EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: O ENSINO REMOTO COMO CENÁRIO DE VIOLÊNCIAS

Dielly de Souza Leitão¹; Aisiane Cedraz Moraes²; Sinara de Lima Souza³

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduanda em Enfermagem, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

dielly.leitao@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: aisicedraz@hotmail.com

3. Docente do curso de Enfermagem, Departamento de Saúde, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail:

sinarals@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: CYBERBULLIYNG;

INTRODUÇÃO

A necessidade do isolamento fez com que intensifica-se o uso das mídias sociais para manter rotinas durante a pandemia, seja para *home office*, aulas *on-line*, de comércio, manter relacionamentos e até momentos de lazer. (MALAVÉ, 2020).

Entende-se que ao estarem submetidos a atividades em ambientes virtuais, esses adolescentes tendem a passar mais tempo frente as telas, nesse sentido as práticas de *bullying* que antes aconteciam no ambiente escolar podem estar sendo feitas em ambiente virtual. Tal prática é denominada como *cyberbullying*. Sendo definida pela Lei n.13.185/2015 como: “Há intimidação sistemática na rede mundial de computadores (*cyberbullying*), quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.” (BRASIL, 2015)

Esse novo cenário motivado pela pandemia, fez com o que os professores além de saber transmitir os seus conhecimentos, também tem que ficar atentos e mediar os conflitos que possam surgir no ambiente de aprendizagem remoto, entre eles está o *cyberbullying*, que é um tipo de violência escolar. (SENA, 2021)

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em duas escolas da rede pública. A coleta de dados ocorreu durante os meses de novembro e dezembro de 2021 e foi realizada presencialmente em cada escola, em sala reservada, mediante autorização da coordenação, de modo a garantir a privacidade de cada adolescente. Como instrumento, foi utilizada a entrevista com roteiro semiestruturado, com perguntas pré-estabelecidas.

A análise de dados aconteceu com utilização da técnica de Análise do Conteúdo de Bardin (2016). Essa técnica inclui três fases: Pré-análise; Exploração do material e Tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Como critérios de inclusão na pesquisa tem-se adolescentes que estejam matriculados no ensino fundamental II, estejam e/ ou estiveram

em atividades remotas durante o período da pandemia da COVID19. Como critérios de exclusão adolescentes o por algum motivo não participaram de atividades remotas.

A coleta de dados só ocorreu após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos responsáveis, e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos adolescentes. Os princípios éticos desta pesquisa estão embasados nas Resoluções nº 466/2012, nº 510/2016 e nº 674/2022 (BRASIL, 2012; BRASIL, 2016; BRASIL, 2022). A pesquisa foi aprovada pelo CEP CAAE: 39758920.0.0000.0053.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados 8 adolescentes, na faixa etária de 12- 18 anos, provenientes de escolas públicas. Dentre os participantes tivemos 4 do sexo masculino e 4 do sexo feminino. Relativo à cor autodeclarada, 4 se declararam pardos e 4, negros. Em relação a renda familiar, em média era 1,5 salários mínimos. Todos eles tinham acesso à internet e passavam em média 05 horas/dia em uso das redes sociais. Em relação ao celular apenas um escolar não possuía. A partir da leitura e análise emergiram as seguintes categoriais temáticas: Conhecimento sobre *cyberbullying*, Manifestações e vivências do *cyberbullying* e Prevenção de *cyberbullying*.

CONHECIMENTO SOBRE *CYBERBULLYING*

Na presente categoria, podemos identificar nas falas dos adolescentes, a ausência do conhecimento sobre o *cyberbullying* ao serem questionados do entendimento deles sobre o tema. Tal fato ressalta urgência do debate e a atenção ao *cyberbullying* nas escolas visto que essa deficiência do conhecimento impossibilita a identificação das práticas de violência no ambiente virtual. Os escolares desconhecem o termo evidenciando a limitação no reconhecimento da prática, sabe-se então que o *cyberbullying* está diretamente relacionado com o ambiente escolar, pois o contexto das relações estabelecidas entre os adolescentes é vivenciado nesse espaço, que se aprofundam e têm continuidade no ambiente virtual.

Nesse sentido, a comunidade escolar tem um papel importante na prevenção e intervenção diante do *cyberbullying*, equipe escolar tem a necessidade de formação e treinamento sobre esta prática afim de possuírem postura adequada na identificação e resolução dos conflitos, orientação e fortalecimento dos escolares no enfrentamento ao problema (GONDIM; RIBEIRO, 2019).

Dessa forma, torna-se visível a lacuna existente a qual dificulta o processo de identificação e isso se destaca porque as práticas das violências em questão não são idênticas, mas não são opostas, o *cyberbullying* é considerado uma evolução do *bullying* (FERNANDES; SEIXAS; MORAIS, 2016).

Manifestações e vivências do *cyberbullying*

Levando em consideração a categoria anterior, vale ressaltar que o desconhecimento inviabiliza muitas vezes identificação das práticas de *cyberbullying*. Alguns adolescentes trazem várias formas de manifestações do *cyberbullying* como *stickers*¹, são criados a

¹ Tradução literal “adesivos”.

partir da combinação de símbolos no teclado, podem ser criados por desenhos e até fotos, que eles afirmam não fazer para ofender. Observa-se que pôr as práticas não serem reconhecidas tanto pelas vítimas como pelos agressores inviabiliza a intervenção nos casos. O *cyberbullying* tem características específicas podendo ser mais lesivo que as formas convencionais de *bullying* e que devem ser reconhecidas para definir estratégias de intervenção mais adequadas. As formas de agressão e meios são variados e exigem uma constante atualização para melhor compreender esta realidade

Compreendemos que tanto o *bullying* e *cyberbullying* em contexto qualquer que ocorra revelam potencialidades contra a saúde e integridade psicológica e, em alguns casos, física visto que os danos e traumas emocionais são irreversíveis ou de difícil reversão (MASCARENHAS; MARTINEZ, 2012).

Prevenção de *cyberbullying*

Quando questionados sobre qual conduta deve-se ter com a pessoa que provocou o *cyberbullying*, os escolares trazem ações para mediar esses conflitos a conversa, o acompanhamento psicológico e até meios judiciais emergem durante as entrevistas.

Muitos deles trazem sobre a necessidade do diálogo não só com a vítima, mas também com o agressor. Eles apontam que seria uma estratégia afim de identificar a origem da agressão e conscientizar o agressor dos seus atos e consequências. Outra forma de intervenção focada na prevenção é a inserção de psicólogos na mediação do conflito, evidenciada pela a necessidade de orientação sobre as manifestações do *cyberbullying*

No entanto para Schreiber e Antunes (2015) há repercussões físicas e psicológicas das diversas formas de violências – *bullying e cyberbullying* - tanto para as vítimas como para os agressores. Para os autores não cabe mais pensar em intervenções clínicas individualizadas, mas sim em um programa de enfrentamento, que, de preferência, envolva o contexto comunitário como um todo.

Diante disso, podemos observar que a prevenção está diretamente ligada com o conhecimento, evidenciada pela necessidade de intervenções quando há os primeiros sinais de violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar sobre educação em tempos pandêmicos tendo como foco o ensino remoto como cenário de violências, compreendemos aspectos significativos sobre esse fenômeno complexo e suas repercussões na vida destes adolescentes.

Em nosso contexto de estudo, identificamos uma incidência considerável de adolescentes que vivenciam o *cyberbullying* e passaram por episódios de agressões no ambiente virtual, seja na posição de vítima, de agressor ou ambas.

Entre estes participantes, chamaram a atenção aqueles que associaram o *bullying* e o *cyberbullying* e mais uma vez destacam a ausência do conhecimento subsidiando essas agressões. Por não conseguirem identificar as agressões elas continuam acontecendo no cotidiano desses escolares.

O *cyberbullying* é um fenômeno atual, trazendo consigo repercussões incalculáveis na vida dos envolvidos, sobretudo nas vítimas, por ocorrer em um ambiente que se torna quase impossível o controle das repercussões.

Neste estudo foi possível compreender a necessidade urgente de formação tanto dos adolescentes quanto dos profissionais que estão inseridos em seu contexto social visto que isso possibilitaria a identificação e prevenção de violências no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

Bardin L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil; [1977] 2016.

BRASIL. Lei n.13.185/2015. **Institui o programa sobre de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying)**. Brasília, DF, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113185.htm

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>.

BRASIL. **Resolução nº 674, de 06 de maio de 2022**. Dispõe sobre tipificação da pesquisa e a tramitação dos protocolos de pesquisa no Sistema CEP/Conep. Brasília, DF, 2022. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes-cns/2469-resolucao-n-674-de-06-de-maio-de-2022>.

FERNANDES L, SEIXAS S, MORAIS T. **Cyberbullying - um guia para pais e educadores**. Lisboa: Plátano Editora; 2016.

GONDIM, L. S. S.; RIBEIRO, M. S. S. Cyberbullying em Estudantes do Ensino Médio em Juazeiro-Ba. **Rev. Nufen: Phenom. Interd.**, Belém, v. 11, n. 01, p. 102-122, Jan a abr. 2019.

MASCARENHAS, A. N.; MARTINEZ, J. M. A. Ocorrência do bullying/cyberbullying como desrespeito à diversidade e à cidadania no contexto universitário amazônico. **Revista EDUCAmazônia**, v. 8, n. 1, p. 150-161, 2012.

MALAVÉ, M. **O papel das redes sociais durante a pandemia**. 2020. Disponível em: <http://www.iff.fiocruz.br/index.php/8-noticias/675-papel-redes-sociais>.

SENA, M. C. et al. OS EFEITOS DA PANDEMIA NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL. **Lex Cult Revista do CCJF**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 107-119, abr. 2021. ISSN 2594-8261. Disponível em: <http://revistaauditorium.jfrj.jus.br/index.php/LexCult/article/view/511>>..

SCHREIBER, F. C. C.; ANTUNES, M. C., Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415711X2015000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 22 jul. 2022